



GT 060. Prostituição e direitos humanos em tempos de reação

Thaddeus Gregory Blanchette (UFRJ Macaé) -
 Coordenador/a, Flavja do Bonsucesso, Teixeira
 (Universidade Federal de Uberlândia) -
 Coordenador/a

No decorrer dos últimos 125 anos, passaram sucessivas ondas de políticas públicas que supostamente resolveriam a questão da prostituição. Neste contexto, o Brasil tem adotado uma política constante, por um lado, que é declaradamente abolicionista, enquanto pragmaticamente devolve a regulamentação cotidiana da prostituição às autoridades locais. Essas, por sua vez, frequentemente administram o comércio do sexo através de concordatas extra-oficiais com vários poderes paralelos. Isto tem feito do ofício de vender sexo, no Brasil, algo extremamente arriscado e sujeito a constantes violações dos direitos humanos dos trabalhadoras do sexo. O presente GT contemplará trabalhos que focalizaram na interface entre o trabalho sexual e os direitos humanos, particularmente os que focalizam nos conflitos e colaborações entre as trabalhadoras sexuais, agentes do governo e outros grupos. Em particular, estamos interessados em trabalhos que expõem transformações nessas interações em anos recentes, particularmente no contexto da gentrificação e higienização dos espaços urbanos, da luta contra o assim-chamado tráfico humano, e das reações contra práticas e identidades sexuais, ou que demonstram permanências frente essas pressões. Também aceitaremos trabalhos que refletem sobre o engajamento antropológico com o trabalho sexual, particularmente apresentações que focalizam nas questões éticas decorrentes desse envolvimento.

‘A Campina é fêmea!’: uma etnografia sobre práticas e poéticas de mulheres prostitutas no bairro da Campina, Belém-PA.

Autoria: Sílvia Lília Silva Sousa

O presente artigo pretende compreender as poéticas produzidas sobre o bairro da Campina, Belém-PA a partir das experiências, práticas e memórias de prostitutas junto a este locus urbano. Diante da diversidade de espaços destinados a prostituição presentes em Belém-PA, o bairro da Campina é um lugar histórico deste métier na cidade, pois é onde se constituiu a maior zona de prostituição de Belém. Por volta do século XIX já era expressiva a presença de prostitutas no bairro, constantemente denunciadas por perturbarem a ordem e ocuparem espaços centrais da cidade em seu ofício, que aos olhos de autoridades da época, atentavam contra o progresso e a moral (Trindade, 1999). Em 1921 foi delimitada uma área reservada especialmente ao meretrício, também conhecida como Quadrilátero do Amor (Espírito Santo Júnior, 2013). No ano de 1970, período de intensa violência e repressão direcionadas de forma cruel e desumana às mulheres prostitutas - constantemente estupradas e obrigadas a lavar os salões policiais - a zona da Campina foi interditada. Atravessado por tensões, estratégias de higienização, táticas (Simmel, 2006; De Certeau, 1994) afetivas, políticas e diferentes formas de sociabilidades, na Campina pulsaram e ainda pulsam trajetórias, memórias, imagens, formas de habitar, narrar e interpretar a cidade de Belém. A zona compreendida aqui enquanto lugar praticado (Tuan, 1983; De Certeau, 1994) nos leva a pensar nas relações afetivas que estas mulheres mantêm com o bairro (Sousa, 2017). Seja a partir da batalha ou da militância, me proponho compreender como mulheres prostitutas que batalham, militam e vivem neste bairro produzem poéticas (Bachelard, 1978) sobre este logradouro. É na prática sensível do cotidiano cidadão, em meio a uma multidão de pessoas que cruzam suas ruas, travessas e avenidas, que as prostitutas desnudam este corpo fêmea chamado Campina.



Realização:



Apoio:



Organização:

